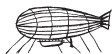


PHILIP ROTH

A MARCA HUMANA

Tradução

Paulo Henriques Britto



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 2000 by Philip Roth

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Human Stain

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Eliane de Abreu Santoro

Revisão
Larissa Lino Barbosa
Mariana Cruz

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip

A marca humana / Philip Roth ; tradução Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2014.

Título original: The Human Stain.
ISBN 978-85-359-2430-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-04437

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1. TODO MUNDO SABE

FOI NO VERÃO DE 1998 que meu vizinho Coleman Silk — que até se aposentar, dois anos antes, fora professor de letras clássicas na Faculdade Athena por vinte e tantos anos, além de atuar por mais dezesseis anos como decano — confidenciou-me que, aos setenta e um anos de idade, estava tendo um caso com uma faxineira de trinta e quatro que trabalhava na faculdade. Duas vezes por semana ela fazia a limpeza da agência local dos correios, uma pequena construção cinzenta de madeira que parecia ter servido de abrigo a uma das famílias de migrantes que fugiram da grande seca do Oklahoma nos anos 30, e que, isolada e melancólica, em frente ao posto de gasolina e à mercearia, exibe a bandeira nacional no cruzamento das duas estradas que assinalam o centro comercial desta cidadezinha serrana.

Coleman viu a mulher pela primeira vez, passando o esfregão no assoalho dos correios, quando foi lá num final de tarde, não muito antes da hora de fechar, para pegar sua correspondência — uma mulher magra, alta, angulosa, com cabelos louros já um pouco grisalhos presos num rabo de cavalo e aquelas feições duras e severas que costumamos associar às matronas carolas e trabalhadeiras que levavam vidas sofridas nos primórdios da Nova Inglaterra, mulheres sérias dos tempos coloniais, confinadas pela obediência à moralidade dominante. Chamava-se Faunia Farley e mantinha todo e qualquer sofrimento que padecesse oculto por trás de um desses rostos ossudos e inexpressivos que não escondem nada e traem uma solidão imensa. Faunia morava num quarto numa fazenda ali perto, onde ajudava a ordenhar as vacas como parte do pagamento do aluguel. Tinha completado dois anos do colegial.

Aquele verão em que Coleman me falou a respeito de Fau-

nia Farley e seu caso secreto foi, apropriadamente, o mesmo em que o segredo de Bill Clinton veio à tona, com todos os detalhes constrangedores — todos aqueles detalhes realistas, a sensação de realidade, tal como o constrangimento, sendo um efeito da força dos dados específicos. Havia anos que não tínhamos um verão como aquele, desde a vez em que alguém encontrou fotos da nova Miss América nua num número antigo da *Penthouse*, em que ela aparecia posando, elegante, de joelhos e em decúbito dorsal, fotos que obrigaram a jovem envergonhada a abrir mão de sua coroa para se tornar uma estrela *pop* de grande sucesso. Na Nova Inglaterra, o verão de 1998 foi marcado por muito sol e calor; no beisebol, por uma batalha entre um deus branco e outro deus negro; e, nos Estados Unidos, por uma imensa febre de religiosidade, de puritanismo, quando o terrorismo — que se seguiu ao comunismo como a principal ameaça à segurança do país — foi sucedido pela felação, quando um presidente viril, de meia-idade mas de aparência jovem, e uma estagiária ousada e apaixonada, com vinte e um anos de idade, aprontaram no Salão Oval como se fossem dois adolescentes num estacionamento, resgatando a mais antiga paixão nacional americana, historicamente talvez o seu prazer mais traiçoeiro e subversivo: o êxtase da santimônia. No Congresso, na imprensa, na televisão, os moralistas espalhafatosos de plantão, loucos para acusar, deplorar e punir, eram onipresentes, cada um querendo ser mais indignado que o outro: todos eles num frenesi calculado, possuídos por aquilo que foi identificado por Hawthorne (o qual morava, na década de 1860, não muito longe da minha casa), no país ainda incipiente de tantos anos atrás, como “o espírito de perseguição”; todos ansiosos para executar os rituais austeros de purificação que expurgariam a ereção do poder executivo, para que tudo ficasse tão puro e inofensivo que a filha de dez anos do senador Lieberman pudesse voltar a assistir televisão com seu papai constrangido. Não, se você não viveu 1998, você não sabe o que é santimônia. O colunista conservador William F. Buckley escreveu: “Quando Abelardo agiu assim, foi possível impedir que o ato se repe-

tisse”, insinuando que a transgressão presidencial — a que em outra coluna Buckley se referiu como “a carnalidade incontenente” de Clinton — devia ser punida não com um impeachment incruento, mas, de preferência, com o castigo que, no século XII, os asseclas carnicheiros do confrade eclesiástico de Abelardo, o cônego Fulberto, aplicaram ao cônego Abelardo por ter secretamente seduzido e desposado a sobrinha virgem de Fulberto, Heloísa. Ao contrário da *fatwa* proclamada por Khomeini, que condenou à morte Salman Rushdie, a castração corretiva sonhada por Buckley não vinha acompanhada de nenhum incentivo financeiro para possíveis executores. No entanto, foi ditada por um espírito tão exigente quanto o do aiatolá, e em nome de ideais tão elevados quanto os dele.

Nos Estados Unidos, foi o verão em que a náusea voltou, em que as piadas não paravam, em que as especulações e teorizações e hipérboles não cessavam, em que a obrigação moral de explicar aos filhos como é a vida adulta foi ab-rogada em nome da necessidade de conservar-lhes todas as ilusões a respeito do assunto, em que a pequenez das pessoas tornou-se esmagadora, em que uma espécie de demônio andava à solta por toda a nação e em que as pessoas, tanto as pró como as contra, se perguntavam: “Por que somos tão malucos?”; em que homens e mulheres, quando acordavam de manhã, constatavam que, durante a noite, num estado de sono que os levava além do alcance da inveja e da repulsa, haviam sonhado com a desfaçatez de Bill Clinton. Eu, em particular, sonhei com uma faixa gigantesca, envolvendo dadaisticamente, como numa instalação de Christo, a Casa Branca, cobrindo-a por completo, com a legenda: AQUI MORA UM SER HUMANO. Foi o verão em que — pela bilionésima vez — o caos, a brutalidade, a bagunça se revelaram mais sutis do que a ideologia ou a moralidade. Foi o verão em que o pênis de um presidente esteve na cabeça de todos, e a vida, com toda a sua impureza desavergonhada, mais uma vez confundiu todo o país.

Aos sábados, Coleman Silk às vezes telefonava e me convidava a atravessar a serra e ir à casa dele depois do jantar para ouvir música, ou jogar buraco, valendo moedas, ou passar umas duas horas na sala de visitas tomando conhaque ou ajudando-o a suportar o que para ele era sempre a pior noite da semana. No verão de 1998, Coleman já estava sozinho ali — sozinho naquela casa de madeira branca, grande e velha, em que havia criado quatro filhos com a mulher, Iris — havia quase dois anos, desde o dia em que Iris sofrera um derrame, morrendo de repente enquanto ele brigava com a faculdade por causa de uma acusação de racismo que lhe faziam dois alunos de uma de suas turmas.

Coleman passara quase toda a sua carreira acadêmica na Athena; homem extrovertido, arguto, urbano, terrivelmente sedutor, com um toque de guerreiro e charlatão, em nada se parecia com a figura pedante do típico professor de latim e grego (assim, por exemplo, quando ainda era um jovem instrutor, cometeu a heresia de criar um clube de conversação em grego e latim). Seu venerável curso introdutório de literatura grega clássica em tradução — conhecido pela sigla DHM, ou seja, deuses, heróis e mitos — era popular entre os alunos precisamente por tudo o que havia nele de direto, franco, enfático e pouco acadêmico. “Vocês sabem como começa a literatura europeia?”, perguntava ele, após fazer a chamada na primeira aula. “Com uma briga. Toda a literatura europeia nasce de uma briga.” Então pegava sua *Ilíada* e lia para os alunos os primeiros versos. “‘Musa divina, canta a cólera desastrosa de Aquiles... Começa com o motivo do conflito entre os dois, Agamenon, rei dos homens, e o grande Aquiles.’ E por que é que eles estão brigando, esses dois grandes espíritos violentos e poderosos? Por um motivo tão simples quanto qualquer briga de botequim. Estão brigando por causa de uma mulher. Uma menina, na verdade. Uma menina roubada do pai. Capturada numa guerra. Ora, Agamenon gosta muito mais dessa menina do que de sua esposa, Clitemnestra. ‘Clitemnestra não é tão boa quanto ela’, diz ele, ‘nem de rosto nem de corpo.’ É uma explicação bastan-

te direta do motivo pelo qual ele não quer abrir mão da tal moça, não é? Quando Aquiles exige que Agamenon a devolva ao pai a fim de apaziguar Apolo, o deus cuja ira assassina foi despertada pelas circunstâncias em que a moça fora raptada, Agamenon se recusa: diz que só abre mão da namorada se Aquiles lhe der a dele em troca. Com isso, Aquiles fica ainda mais enfurecido. Aquiles, o adrenalina: o sujeito mais inflamável e explosivo de todos os que já foram imaginados pelos escritores; especialmente quando seu prestígio e seu apetite estão em jogo, ele é a máquina de matar mais hipersensível da história da guerra. Aquiles, o célebre: apartado e alijado por causa de uma ofensa à sua honra. Aquiles, o grande herói, tão enraivecido por um insulto — o insulto de não poder ficar com a garota — acaba se isolando e se excluindo, numa atitude desafiadora, da sociedade que precisa muitíssimo dele, pois ele é justamente seu glorioso protetor. Assim, uma briga, uma briga brutal por causa de uma menina, de seu corpo jovem e das delícias da rapacidade sexual: é assim, nessa ofensa ao direito fálico, à *dignidade* fálica, de um poderosíssimo príncipe guerreiro, que tem início, bem ou mal, a grande literatura de ficção europeia, e é por isso que, quase três mil anos depois, vamos começar nosso estudo aqui...”

Logo que foi contratado, Coleman era um dos poucos judeus que lecionavam na Athena, e foi talvez um dos primeiros judeus a ter permissão de trabalhar no departamento de letras clássicas de uma faculdade americana; poucos anos antes, o único judeu da Athena era E. I. Lonoff, um contista hoje praticamente esquecido, que eu, na época ainda um escritor aprendiz, recém-publicado, em dificuldades e precisando muito da legitimação de um mestre, procurei certa vez numa visita memorável ao campus. Durante os anos 80 e 90, Coleman foi também o primeiro e único judeu a atuar como decano da Athena; então, em 1995, abrindo mão do decanato a fim de encerrar sua carreira acadêmica na sala de aula, voltou a dar dois de seus cursos no programa de letras que havia absorvido o antigo departamento de letras clássicas e que tinha como diretora a professora Delphine Roux. Como decano, e com o total

apoio de um ambicioso presidente recém-empossado, Coleman tomou aquela pequena e antiquada faculdade interiorana, uma espécie de fazenda para cavaleiros, e, não sem recorrer à pressão, transformou-a por completo, incentivando de modo agressivo a aposentadoria precoce dos pesos mortos da velha guarda do corpo docente, recrutando jovens professores assistentes cheios de ambição, revolucionando o currículo. É quase certo que, tivesse ele se aposentado, sem nenhum incidente, quando chegasse a hora, teria havido um *festschrift*, teria sido criada uma série de conferências Coleman Silk e instituída uma cátedra de letras clássicas com seu nome, e talvez — dada sua importância para a revitalização da faculdade no século XX — o prédio de ciências humanas ou mesmo o Prédio Norte, o edifício mais venerado da Athena, recebesse o nome do homenageado após sua morte. No pequeno mundo acadêmico em que ele passara a maior parte da vida, quaisquer ressentimentos, controvérsias e até mesmo temores associados a ele seriam esquecidos, e sua memória seria oficialmente reverenciada para sempre.

Foi mais ou menos no meio do segundo semestre após sua volta às salas de aula que Coleman pronunciou a palavra autoincriminatória que o faria desvincular-se, voluntária e completamente, da faculdade — a única palavra autoincriminatória dos muitos milhões de outras palavras que ele pronunciara durante tantos anos de atuação na Athena como professor e administrador, e a palavra que, julgava ele, levava diretamente à morte de sua mulher.

Havia catorze alunos na turma. Coleman fizera a chamada nas primeiras aulas, para aprender seus nomes. Como ainda houvesse, na quinta semana de aula, dois nomes que jamais correspondiam a nenhum dos presentes, Coleman, na sexta semana, começou sua aula com a pergunta: “Alguém conhece essas pessoas? Elas existem mesmo ou será que são *spooks?*”.

Naquele mesmo dia, Coleman foi chamado por seu sucessor, o novo decano, e ficou sabendo, atônito, que tinha de responder à acusação de racismo levantada contra ele pelos dois

alunos ausentes, que eram negros e que, embora ausentes, logo ficaram sabendo da expressão que ele utilizara para indagar a respeito de sua existência. “Eu me referia à possível natureza ectoplasmática deles. Isso não é óbvio? Esses dois alunos não assistiram a nenhuma aula. Eu estava usando a palavra no sentido de espectro, fantasma. Eu não tinha a menor ideia da cor desses dois alunos. Talvez até soubesse, há cinquenta anos, só que já esquecera completamente, que *spook* é um termo pejorativo, usado para se referir aos negros. Caso contrário, como sou extremamente meticuloso com respeito à sensibilidade dos meus alunos, jamais teria usado essa palavra. Levemos em consideração o contexto: eles existem *ou* são *spooks*? A acusação de racismo é espúria. É absurda. Meus colegas sabem que é absurda e meus alunos sabem que é absurda. A questão, a única questão, é o fato de que esses dois alunos não vão à aula, se negam a cumprir seus deveres da maneira mais flagrante e indesculpável. E o irritante é que a acusação não é apenas falsa — ela é espetacularmente falsa.” Tendo dito o suficiente em sua própria defesa, julgando que o assunto estava encerrado, Coleman foi para casa.

Ora, até mesmo os decanos comuns, segundo me dizem, por atuarem numa terra de ninguém entre o corpo docente e os escalões mais altos da administração, invariavelmente fazem inimigos. Nem sempre concedem os aumentos salariais solicitados, nem as vagas de estacionamento mais cobiçadas, nem as salas mais espaçosas a que os professores mais graduados julgam ter direito. Candidatos a cargos e promoções, especialmente nos departamentos mais fracos, são com frequência rejeitados. Os pedidos de contratação de mais professores e secretárias para os departamentos são quase sempre negados, assim como as solicitações dos professores que desejam cargas horárias menores e não querem ser obrigados a dar aulas de manhã cedo. Negam-se pedidos de financiamentos para viagens a congressos acadêmicos etc. etc. Mas Coleman não fora um decano comum; e as pessoas de quem se livrara, e o modo como se livrara delas, e o que ele tinha abolido e instituído, e a audácia com que fizera o que tinha de ser feito, enfrentando uma resistência tremen-

da, tudo isso tivera um efeito muito maior do que meramente pisar nos calos de uns poucos ingratos e ressentidos. Sob a proteção de Pierce Roberts, o presidente da faculdade, jovem, bonito e bem-sucedido, ainda com todo o cabelo na cabeça, que assumiu o poder e o nomeou decano — e que lhe disse: “Vai ser necessário mudar muita coisa, quem não gostar que pule fora ou se aposente mais cedo” —, Coleman virou a faculdade de pernas para o ar. Quando, oito anos depois, na metade do mandato de Coleman, Roberts aceitou a presidência de uma das dez mais prestigiosas universidades do país, foi graças à reputação que conquistara com a revitalização da Athena em tempo recorde — mas que fora obra não do presidente glamouroso, cujo papel era basicamente o de levantar fundos, que jamais tivera de aguentar as reações e que foi embora de Athena coberto de glória e sem nenhum arranhão, mas, sim, de seu decano decidido.

Menos de um mês após ser nomeado decano, Coleman convidou todos os membros do corpo docente para conversar com ele, inclusive vários professores mais antigos, membros das tradicionais famílias do condado que haviam fundado e financiado a faculdade, que recebiam salários embora na verdade não precisassem daquele dinheiro. Pediu que cada docente levasse seu currículo, e se um ou outro não o levou, por se achar importante demais, não fez diferença, porque Coleman tinha, de todo modo, uma cópia de cada currículo em sua mesa. E o novo decano os manteve ali por uma hora, às vezes mais, até que, tendo deixado bem claro que as coisas na Athena haviam finalmente começado a mudar, o professor em questão começasse a suar. Coleman não tinha pudor de iniciar a entrevista folheando o currículo e perguntando: “Afinal, o que você tem *feito* nos últimos onze anos?”. E quando ouviu pela enésima vez um professor responder que vinha publicando regularmente no periódico da faculdade, *Apontamentos de Athena* — ou seja, colhendo uma pérola filológica, bibliográfica ou arqueológica anualmente na sua amarelecida tese de doutorado e “publicando-a” no periódico trimestral de Athena, que era editado em

mimeógrafo e encadernado em papelão cinzento, e só catalogado na própria biblioteca da faculdade —, Coleman, segundo se dizia, ousou violar o código de civilidade da faculdade, replicando: “Em outras palavras, vocês reciclam seu próprio lixo”. Em seguida, ele não apenas fechou os *Apontamentos de Athena*, devolvendo a minúscula verba ao doador original — que vinha a ser o sogro do editor —, como também, para estimular a aposentadoria precoce, obrigou os mais pesados dos pesos mortos a trocar os cursos que vinham lecionando em piloto automático nos últimos vinte ou trinta anos por cursos introdutórios de inglês e história ou pelo novo programa de orientação de calouros, que era marcado para os quantíssimos dias finais do verão. Eliminou o prêmio Acadêmico do Ano, cujo nome não correspondia à realidade, e realocou os mil dólares destinados ao vencedor. Pela primeira vez na história da instituição, exigia-se que os pedidos de ano sabático viessem acompanhados por um plano detalhado especificando o que seria feito durante o período, e na maioria dos casos o pedido era negado. Coleman aboliu o refeitório dos docentes, uma espécie de clube fechado, com as almofadas de madeira trabalhada mais bonitas de todo o campus, transformou-o em sala de reuniões — aliás, fora essa a utilização original da sala — e obrigou os professores a comer no bandeirão, junto com os alunos. Insistia na realização de reuniões gerais — o decano que ocupara o cargo antes de Coleman tornara-se popularíssimo por jamais marcar reuniões. A secretária do decanato sempre verificava quem estava presente, de modo que até mesmo os figurões que só trabalhavam três vezes por semana eram obrigados a comparecer. Coleman encontrou uma cláusula na constituição da faculdade segundo a qual não deveria haver comissões executivas, e, argumentando que essas barreiras conservadoras às reformas eram frutos apenas da convenção e da tradição, extinguiu-as e passou a exercer controle absoluto sobre as reuniões do corpo docente, usando-as para anunciar as próximas medidas que iria tomar, as quais provocavam ainda mais ressentimentos. Com Coleman no poder, as promoções tornaram-se difíceis — e foi isso, talvez, o que mais

chocou os professores: ninguém mais era promovido automaticamente com base na popularidade entre os alunos, e ninguém recebia aumento senão por mérito. Em suma, Coleman introduziu a competição, tornou a Athena um ambiente competitivo — “como os judeus sempre fazem”, observou um de seus primeiros inimigos. E toda vez que uma comissão *ad hoc* de professores indignados ia se queixar a Pierce Roberts, o presidente invariavelmente dava razão ao decano.

No período Roberts, Coleman era adorado por todos os professores mais jovens e brilhantes que havia recrutado, porque o decano lhes abrira espaço e começara a trazer gente boa recém-saída dos programas de pós-graduação de Johns Hopkins, Yale e Cornell — “a revolução da qualidade”, como eles próprios diziam. Admiravam Coleman porque expulsara a elite daquele clube exclusivo e ameaçara a autoimagem de seus membros, o que sempre enlouquece um professor presunçoso. Todos os docentes mais velhos, que eram os mais fracos da instituição, sobreviviam com base na sua autoavaliação — a maior autoridade sobre o ano 100 a.C. etc.; uma vez contestados por alguém que tinha poder sobre eles, sua autoconfiança ficava abalada e em poucos anos quase todos haviam desaparecido. Tempos emocionantes! Porém Pierce Roberts arranhou emprego numa grande universidade em Michigan, e Haines, o novo presidente que o substituiu, não tinha nenhuma relação especial com Coleman — e, ao contrário de seu antecessor, não tinha muita tolerância com a vaidade demolidora, o ego autocrático que havia promovido uma limpa na faculdade em uns poucos anos; e à medida que os jovens que Coleman havia mantido em seus cargos, juntamente com os que contratara, foram se tornando os veteranos do corpo docente, uma reação contra o decano começou a se articular. Ele só se deu conta do quanto essa reação era forte quando contou todas as pessoas, em cada departamento, que não pareciam nem um pouco incomodadas com o fato de que a palavra com a qual o antigo decano caracterizara os dois alunos aparentemente inexistentes era definida no dicionário não apenas do modo mais comum, que

ele sustentava ser sem dúvida o que tinha em mente, mas também com a acepção racial pejorativa que levava seus dois alunos negros a registrar uma queixa.

Lembro-me muito bem daquele dia de abril, há dois anos, em que Iris Silk morreu e Coleman enlouqueceu. Até então minhas relações com o casal se limitavam a um aceno com a cabeça quando nos cruzávamos na venda ou no correio; eu não os conhecia nem sabia muita coisa a seu respeito. Não sabia que Coleman fora criado na cidadezinha de East Orange, Nova Jersey, no condado de Essex, a menos de dez quilômetros do lugar onde eu morava na época, nem que concluíra o secundário na Escola Secundária de East Orange em 1944, apenas seis anos antes de eu me formar numa escola próxima, em Newark. Coleman nunca fez o menor esforço para se aproximar de mim, e, se eu havia me mudado de Nova York para uma cabana de quarto e sala no campo a que se tinha acesso por uma estrada rural no alto da serra de Berkshire, certamente não era por querer conhecer gente nova ou me integrar a uma comunidade diferente. Quando me convidavam, nos primeiros meses após minha mudança, em 1993, para ir a um jantar, a um chá, a um coquetel, para descer até a faculdade, no fundo do vale, e dar uma conferência pública ou, se eu preferisse, conversar em caráter informal com uma turma de literatura, eu sempre recusava os convites educadamente, e a partir daí tanto os vizinhos como a faculdade me deixaram em paz, sozinho com o meu trabalho.

Mas então, naquela tarde há dois anos, depois de tratar do enterro de Iris, Coleman veio diretamente até minha casa, bateu com toda a força à porta e pediu para entrar. Embora tivesse um pedido urgente a me fazer, não conseguia ficar sentado mais de trinta segundos para explicar direito o que queria. Levantava-se, voltava a se sentar, levantava outra vez, dava voltas e mais voltas na minha sala de trabalho, falando alto e depressa, até mesmo sacudindo o punho cerrado de modo ameaçador quando julgava — equivocadamente — que era necessário dar ênfase a suas pa-

lavras. Eu tinha de escrever uma coisa para ele — foi o que me disse, praticamente me dando uma ordem. Se ele próprio escrevesse a história, com tudo o que nela havia de absurdo, sem alterar nada, ninguém acreditaria, ninguém o levaria a sério, diriam que era uma mentira ridícula, que ele exagerava para se defender, ele não poderia ter caído em desgraça apenas por pronunciar a palavra “*spooks*” numa sala de aula. Mas se *eu* escrevesse a história, se um escritor profissional a escrevesse...

Todas as barreiras que o continham haviam desabado dentro dele; assim, vê-lo e ouvi-lo — ele, um homem que eu não conhecia, mas que era sem dúvida um homem sério e importante, agora completamente destrambelhado — era como assistir a um grave acidente de carro, ou um incêndio, ou uma explosão assustadora, alguma catástrofe pública que fascina por ser tão improvável quanto grotesca. Ele rodava às tontas pela sala como uma galinha que continua a se debater mesmo depois de decapitada. A cabeça de Coleman tinha sido cortada fora, a cabeça que continha o cérebro cultivado do outrora todo-poderoso decano e professor de letras clássicas, e o que eu via a minha frente era o que restava dele, a parte amputada, rodando em círculos, fora de controle.

Eu — embora ele jamais tivesse entrado na minha casa antes, praticamente nunca tivesse ouvido minha voz — deveria pôr de lado qualquer coisa que estivesse fazendo para escrever sobre o que havia acontecido com ele: seus inimigos na faculdade, ao atacá-lo, tinham acabado por matar sua mulher. Ao criar uma imagem falsa sua, ao tachá-lo de coisas que ele nunca fora nem jamais poderia ser, eles não apenas haviam caluniado um profissional cuja carreira fora marcada pela maior seriedade e dedicação como também mataram a mulher com quem ele vivera por mais de quarenta anos. Como se houvessem apontado uma arma para ela e puxado o gatilho. Eu teria de escrever sobre este “absurdo”, aquele “absurdo” — eu, que nada sabia na época a respeito dos problemas dele na faculdade nem conseguia entender a cronologia dos horrores que desde havia cinco meses o atormentavam e também a falecida Iris Silk: a sucessão

interminável de reuniões, audiências e depoimentos, os documentos e as cartas entregues a funcionários da faculdade, às comissões de docentes, ao advogado negro que se oferecera para defender gratuitamente os dois alunos... as acusações, as negações, as contra-acusações, a obtusidade, a ignorância, o cinismo, as distorções grosseiras e deliberadas, as explicações cansativas e repetitivas, as perguntas persecutórias — e sempre, constantemente, a sensação opressiva de irrealidade. “Assassinato!”, gritava Coleman, debruçado sobre minha mesa e socando-a com o punho cerrado. “Essas pessoas *assassinaram* Iris!”

O rosto que ele me exibia, o rosto que colocava a apenas trinta centímetros do meu, agora estava marcado, torto e — levando-se em conta que era o rosto de um homem maduro mas bonitão, elegante e conservado — curiosamente repugnante, muito provavelmente distorcido pelo efeito tóxico de todas as emoções que lhe percorriam o organismo. Visto assim de perto, estava amassado, estragado, como uma fruta caída de uma barraca na feira e que é chutada de um lado para o outro pelos fregueses que passam.

Há algo de fascinante no efeito do sofrimento moral sobre uma pessoa que não parece fraca nem frágil. É ainda mais insidioso do que o efeito de uma doença física, porque não há morfina, nem raquidiana, nem cirurgia radical que possa trazer alívio. Quem sofre seu impacto tem a sensação de que só ficará livre se morrer. O realismo cru desse sofrimento é uma coisa incomparável.

Assassinato. Para Coleman, não havia outra explicação para a morte, sem mais nem menos, de uma mulher de sessenta e quatro anos de idade, cheia de energia, dona de uma personalidade forte, gozando da mais perfeita saúde, uma pintora abstracionista cujas telas dominavam as exposições locais e que administrava a associação de artistas da localidade, uma poeta que publicava no jornal do condado, uma pessoa que, em seus tempos de estudante, fora a principal militante contra os abrigos antinucleares, o estrôncio 90 e depois a guerra do Vietnã, dogmática, inflexível, briguenta, um verdadeiro furacão em

forma de mulher, reconhecível a mais de cem metros de distância pela vasta auréola de cabelos brancos duros e emaranhados; uma pessoa tão forte que ele próprio, o decano durão, que tinha fama de passar por cima de qualquer um, que conseguira realizar uma reforma impossível na Faculdade Athena, só conseguia derrotar no tênis.

Uma vez iniciada a campanha contra Coleman, porém — depois que a acusação de racismo deu origem a uma investigação realizada não apenas pelo novo decano mas também pela pequena organização de alunos negros da faculdade e por um grupo de militantes negros de Pittsfield —, a loucura gritante daquela situação apagou as mil e uma dificuldades matrimoniais dos Silk, e aquele mesmo autoritarismo que havia quatro décadas entrava em choque com a autonomia obstinada de Coleman, causando um atrito incessante em suas vidas, Iris colocou a serviço da causa do marido. Embora não dormissem na mesma cama fazia anos, embora não aguentassem conversar um com o outro por muito tempo, embora um não suportasse os amigos do outro, os Silk agora estavam outra vez lado a lado, brandindo o punho na cara de pessoas que odiavam mais profundamente do que, nos piores momentos, um odiava o outro. Tudo aquilo que tinham em comum no tempo em que eram namorados e camaradas, quarenta anos antes, em Greenwich Village — quando ele terminava seu doutorado na Universidade de Nova York e ela, recém-fugida de seus pais, dois anarquistas malucos de Passaic, trabalhava como modelo para alunos de desenho na Associação de Estudantes de Arte, já ostentando seu impressionante matagal de cabelos, suas feições imponentes e sua voluptuosidade, já na época uma suma-sacerdotisa coberta de joias étnicas, a autêntica suma-sacerdotisa bíblica, dos tempos anteriores à sinagoga —, tudo o que tinham em comum naqueles tempos do Village (menos a paixão erótica) mais uma vez voltou à tona, com toda a força... até que um dia ela acordou com uma dor de cabeça atroz e sem sentir um dos braços. Coleman levou-a correndo para o hospital, mas no dia seguinte Iris morreu.

“Eles queriam me matar, mas quem acabou morrendo foi ela.” Foi o que Coleman me disse mais de uma vez naquela visita inesperada, e foi o que fez questão de dizer a todas as pessoas que compareceram ao enterro na tarde seguinte. E era no que continuava a acreditar. Não aceitava nenhuma outra explicação. Depois da morte de Iris — e depois que se deu conta de que eu não estava interessado em utilizar seu calvário como tema de romance, motivo pelo qual lhe devolvi toda a documentação que tinha me empurrado naquele dia —, ele começou a escrever um livro a respeito dos motivos que o levaram a pedir demissão da Athena, um livro-depoimento que intitulara *Spooks*.